

Um debate sobre a “nova direita” brasileira

A debate about the Brazilian “New Right”

Un debate sobre la “nueva derecha” brasileña

Odilon Caldeira Neto*

RESENHA DE:

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

Nos últimos anos, é possível observar o “renascimento” de expressões em busca de alternativas políticas, seja na tentativa de contraposição eleitoral aos governos de esquerda no Brasil e na América Latina, assim como, em casos extremados, à própria democracia liberal. De maneira geral e com algum esforço, algumas delas podem ser classificadas como pertencentes ao universo (bastante diverso, por sinal) das direitas.

Na realidade, além de parlamentares no legislativo, o discurso conservador ganhou força nas redes sociais *online*, nos produtos da grande imprensa nacional e nas mais diversas instâncias, fortalecendo os seus apelos junto a setores variados da sociedade, notadamente em parcelas da classe média (alta e média), reverberando em manifestações públicas nas ruas, fato novo da chamada Nova República.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <odiloncaldeiraneto@gmail.com>

Compreender os novos atores e estratégias da direita no Brasil e em contexto internacional, é o que move a obra coletiva *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*, organizada por Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel e Gustavo Codas. Embora seja uma obra produzida pela *Fundação Perseu Abramo*, instituição umbilicalmente ligada ao *Partido dos Trabalhadores*, a grande maioria dos textos preza pela abordagem acadêmica e científica, fugindo às possíveis simplificações e antagonismos tão comuns em tempos de polarização (ou falsas polarizações) que, em última instância, somente confundem e impossibilitam a interlocução.

Logo na apresentação da obra, os organizadores constataam a incipiência do campo de estudos sobre as direitas no Brasil, lacuna que algumas iniciativas coletivas mais recentes buscam preencher. Mais do que isso, decorre também do “desconforto” em estudar essas expressões, seja como resquício do mais recente período autoritário ou como reflexo do privilégio concedido aos estudos das expressões mais progressistas da história política brasileira. Essa é, também, uma iniciativa da própria obra, embora, conforme afirmam, ela não tenha surgido como produto de alguma experiência coletiva, como congressos, simpósios ou discussões de um núcleo de pesquisa multidisciplinar.

Por isso, a obra perde um pouco da capacidade de interlocução e diálogo entre os textos e autores, assim como inexistente um consenso sobre o que é, afinal, o pensamento de direita, além do que eventualmente pode ser inserido nessa categoria. Ainda que a grande maioria dos autores transite entre noções majoritárias (como a de Norberto Bobbio) ou de premissas menos valorativas em suas definições e, portanto, mais afinadas com a capacidade analítica (Steven Lukes), alguns buscam classificar o papel das direitas como terreno do “obscurantismo”.

Essa percepção, que é minoritária na obra, pouco tende a auxiliar e qualificar o debate intelectual, assim como aparentemente não compreende que a existência de um contraponto democrático dentro do espectro político ajuda a aprofundar a solidez da própria e recente instituição democrática brasileira. Ainda assim, o conjunto da obra é de grande qualidade. É possível observar a existência de conjuntos temáticos no título composto de quatorze capítulos, escrito por autoras e autores de variadas disciplinas, assim como em diversos estágios de formação.

Em “Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual” e “Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas”, Sebastião Velasco e André Kaysel trazem aportes significativos, respectivamente, sobre a validade

do uso das categorias enunciadas como instrumento de inteligibilidade da complexidade política nacional, assim como a apreensão da historicidade do fenômeno. Neste caso, claro, a análise não é exaustiva, inclusive por limitações de espaço em uma obra coletiva.

Três dos textos buscam observar aspectos transpostos majoritariamente à dinâmica eleitoral e à representação parlamentar. O texto de Marco Antônio Faganello (“Bancada da Bala: uma onda na maré conservadora”) apresenta uma interessante análise sobre a mobilização política e os processos eleitorais de candidatos ligados ao que chama de *ideologia securitária-autoritária* em São Paulo. É oportuna a desvinculação entre os maiores índices de votação desses candidatos e as áreas mais afetadas pela criminalidade, demonstrando que a equação tende a ser mais complexa, inclusive com possibilidade de remeter aos padrões de votação existentes há mais de duas décadas na capital paulista.

Em “A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador”, os autores (Adriano Codato, Bruno Bolognesi e Karolina Mattos Roeder) trazem uma das mais pertinentes contribuições da obra, seja por observar o fenômeno em torno de uma perspectiva comparada (internacional e sobretudo latino-americana), assim como por tentar definir o que seria essa *nova direita* em contraposição à *velha direita* brasileira.

Ao tratar a dinâmica de crescimento eleitoral dessa “novidade” política – que os próprios autores afirmam que não é tão nova assim –, fica evidente que o exponencial observado decorre não apenas da mudança de discursos e ao possível desapego às perspectivas autoritárias, mas também pela renovação das bases sociopolíticas dos candidatos e, em algum sentido, das próprias lideranças. Embora seja um processo com impacto nos estados da região sudeste, é algo que precisa ser observado com maior profundidade, inclusive pela possibilidade da inserção de outros partidos (como o *Partido Novo*) no mercado eleitoral.

O texto de Julio Córdova Villazón (“Velhas e novas direitas religiosas na América Latina: os evangélicos como fator político”) traz contribuições importantes para compreender não apenas a inserção dos evangélicos como atores de impacto no campo do conservadorismo político brasileiro, mas também a relação entre os diversificados modos de conversão e os estágios da inserção política, seja nas agremiações ou mediante movimentos pró-vida/pró-família enquanto grupo de pressão. Auxilia, portanto, ao mapeamento desses novos atores, assim como alguns fundamentos ideológicos que nortearão essas investidas.

Já em “Classe Média e conservadorismo liberal”, o texto de Sávio Cavalcante traz elementos que merecem ser desenvolvidos com maior profundidade, pois parte não somente da tentativa de estabelecer uma radiografia do crescimento do conservadorismo (em sua variação liberal) na classe média brasileira, como também busca compreender a diversidade desse próprio estrato social. Ao abordar os últimos governos do PT como um modelo neoliberal em parte modificado por políticas desenvolvimentistas, o autor esboça possíveis relações de compreensão dessa relação crescentemente conflituosa, sobretudo a reverberação dessas contradições em uma visão de mundo calcada na meritocracia como propulsão das desigualdades tidas como *naturais*.

Discursos afeitos a essa visão de um mundo *desigual* encontram ressonância em vários dos protestos realizados nos grandes centros urbanos, desde 2013. Em “Protestos à direita no Brasil (2007-2015)”, Luciana Tatagiba, Thiago Trindade e Ana Cláudia Chaves Teixeira buscam analisar essa novidade dos setores conservadores na atual ordem política brasileira.

Um ponto positivo da análise é a escolha do ponto de partida (o movimento “Cansei!”, de 2007), assim como as modificações da composição desses protestos até aqueles mais recentes, que promovem reivindicações que vão desde o pedido de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff (PT), até os minoritários mas temerosos clamores de “intervenção militar”. Talvez por espaço exíguo, a contribuição não demonstra com ênfase o campo de disputa existente nesses protestos, tampouco as estratégias utilizadas. É evidente que grupos como “Movimento Brasil Livre” e “Revoltados *On Line* (sic)” têm similaridades diversas, mas seria interessante mapear as diferenças e possíveis divergências entre essas expressões, assim como quais as possíveis respostas institucionais para cada qual grupo em questão.

De certa maneira, essa problemática acomete também o texto “Direita nas redes sociais online”, de Sérgio Amadeu da Silveira. Ainda que o autor tenha sido feliz ao auferir a diversidade constituinte da *web* e a efetiva possibilidade de propulsão de valores e práticas antidemocráticas dessas ferramentas, a análise seria mais fortuita se buscasse maior atenção na apreensão do conteúdo desses discursos do que o fluxo quantitativo que, como assevera o autor, está ligado também às estratégias de monetização dessas redes sociais virtuais, em especial o *Facebook*.

Os textos de Reginaldo C. Moraes (“A organização das células neoconservadoras de agitprop: o fator subjetivo da contrarrevolução”),

Álvaro Bianchi (“Buckley Jr., Kirk e o renascimento do conservadorismo nos Estados Unidos”) e Camila Rocha (“Direitas em rede: *think tanks* de direita na América Latina”) compreendem um bloco temático de grande valia, inclusive com harmonia entre eles. Ao observar as tendências dos *think tanks* em processo histórico, transnacional, assim como em suas mais recentes reconfigurações estruturais, eles auxiliam a traçar uma análise aprofundada do fenômeno em questão.

É factível observar, inclusive, a possibilidade de interlocução com a contribuição de Venício A. de Lima (“A direita e os meios de comunicação”), auxiliando, também, a dissociar qualquer tentação de anacronismos nas análises de conjunturas entre 1964 e 2014. De fato, Camila Rocha é bastante feliz ao notar as diversificações entre o contexto mais recente e o chamado complexo Ipes/Ibad dos anos 1960, embora não diminua, claro, as semelhanças existentes.

Por fim, os textos “O direito regenerará a República? Notas sobre política e racionalidade jurídica na atual ofensiva conservadora” (Andrei Koerner e Flávia Schilling) e “O golpe parlamentar no Paraguai. A dinâmica do sistema de partidos e o poder destituído do Congresso” (Fernando Martínez-Escobar e José Tomás Sánchez-Gómez) fornecem importantes reflexões, a partir de dois contextos distintos, sobre os processos de politização do judiciário, assim como da judicialização da política.

Os dois textos auxiliam a observar as estratégias (e os impactos, sobretudo no caso paraguaio), da articulação entre setores do Judiciário e correntes conservadoras do campo político. Embora não sejam casos idênticos, os dois contextos guardam semelhanças que precisam ser observadas. Mesmo não havendo uma abordagem comparativa, tal exercício é plenamente verificável.

Dessa maneira, a obra cumpre o propósito de propor um debate diversificado sobre os novos caminhos e estratégias das direitas no Brasil e América Latina. Existem, claro, pequenos descompassos entre as análises, provavelmente pela forma como a obra foi concebida. Isso fica evidente ao observar as expressões tão diversas que são incluídas em torno da categoria de “novas direitas”. Trata-se, no caso, da tentativa de indicar quais são as novidades trazidas por essas organizações e expressões políticas, mas é necessário atentar que a mesma expressão já foi utilizada anteriormente para designar partidos políticos como o Prona (de Enéas Carneiro), ou mesmo as bases sociais dos eleitores de Jânio Quadros e Paulo Maluf (PIERUCCI, 1987), que hoje são tendências e expressões atribuídas à categoria “velha direita”.

Ainda assim, a iniciativa não é somente fortuita, como deve ser reproduzida nas mais diversas instâncias possíveis, sobretudo nos debates acadêmicos interdisciplinares. Somente a continuidade de esforços coletivos como esse auxiliará a compreender a atualidade e a história das direitas no Brasil.

Referências

- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1994.
- LUKES, Steven. Epilogue: the grand dichotomy of the twentieth century. In: BALL, T.; BELLAMY, R. (Eds.). *The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 19, p. 26-45, dez. 1987.
- VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). *Direita, volver! : o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

Recebido: 16 de abril de 2016
Aprovado: 29 de maio de 2016

Autor/Author:

ODILON CALDEIRA NETO <odiloncaldeiraneto@gmail.com>

- Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com estágio (*Junior Visiting Fellow*) junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL). Em Portugal, foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. É autor de *Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e o Antissemitismo* (EdUEM, 2014). Coordenador da rede de investigação *Direitas, História e Memória*. As pesquisas têm ênfase em História do Brasil República e do Tempo Presente, atuando principalmente nos seguintes temas: Extrema-direita, Direita Radical, Neofascismos e Antissemitismo.
- PhD in History from the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) with a Junior Visiting Fellowship at the Universidade de Lisboa (ICS/UL), granted by Calouste Gulbenkian Foundation. He is the author of "Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e o Antissemitismo" (EdUEM, 2014). Coordinator of the research network "Right-wings, History and Memory", his research has emphasis on the History of Brazilian Republic and Present Time, focusing on the following topics: Extreme-right Radical Right, Neo-fascism and Antisemitism.